

PANTANAL
SERRA DO AMOLAR

Araquém Alcântara



Ministério do Turismo, Companhia Siderúrgica Nacional e Rodobens apresentam

PANTANAL SERRA DO AMOLAR

Araquém Alcântara

Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



DOCUMENTA

PANTANAL

PANTANAL
SERRA DO AMOLAR

Araquém Alcântara

Mas no princípio era o querer de beleza.

João Guimarães Rosa, *Ave, Palavra*

Beleza e glória das coisas o olho é que põe. [...] É pelo olho que o homem floresce.

Manoel de Barros, *Livro de pré-coisas*

Para Ernesto Niklaus Moeri [*in memoriam*],
sabedor das pedras – e seus caminhos –, viajante intrépido, benfeitor da natureza, parceiro de expedições.
Amigo alado.



Parque Nacional do Pantanal Matogrossense

Mato Grosso

Mato Grosso do Sul

Bolívia **Brasil**

- Vegetação
- Baixa
 - Média e alta
 - Brejo



11
Serra à vista

12
Ensaio

161
De como se devassa um éden

172
Trajetória

177
Agradecimentos

179
Créditos



Serra à vista

Este livro foi editado em meio ao fogo. Entre janeiro e outubro de 2020, 28% do Pantanal foi consumido pelas queimadas – uma área superior a 4 milhões de hectares de vida carbonizada. É o maior índice já registrado no bioma. Totalizando mais de 21 mil focos de calor em dez meses (um aumento de 148% em relação ao mesmo período de 2019), os incêndios avançaram com ímpeto assustador sobre a Serra do Amolar, maciço rochoso de 40 quilômetros de extensão, que reúne a seus pés a maior concentração de áreas protegidas do Pantanal. Quer dizer, uma das regiões mais exuberantes do planeta em termos de beleza cênica e biodiversidade... sumariamente calcinada.

Os números são categóricos e os relatos de quem presenciou a calamidade são estarrecedores. Na imprensa e nas redes sociais, proliferaram imagens das carcaças retorcidas de animais queimados vivos – espectros macabros deixados pela passagem avassaladora do fogo. Todos os 20 mil hectares da Fazenda Novos Dourados (dos quais mais da metade destinava-se à proteção ambiental) viraram cinza em cerca de 24 horas. Mais de 80% da Terra Indígena Baía dos Guató, onde vivem os últimos remanescentes dos povos canoieiros originários do Pantanal, queimou completamente. Além dos parques e heroicos brigadistas abrindo aceiros, abafando o fogo e manejando o contrafogo no *front*, sob mais de 40°C, socorristas veterinários também foram a campo para acudir os bichos feridos, desidratados e desorientados que, tendo escapado da morte nas chamas, agonizavam de sede e de fome. Enquanto santuário ecológico, a Serra do Amolar sucumbiu às labaredas – por sinal, *inferno* era definição recorrente entre as testemunhas dos incêndios. Em que pesem a severa estiagem e os ventos acima dos 50 quilômetros por hora, o principal combustível do fogo que devastou mais de um quarto do Pantanal em 2020 foi, sem dúvida, a negligência humana.

Admirador assíduo da Serra do Amolar, Araquém Alcântara vem acumulando há pelo menos duas décadas um rico acervo fotográfico sobre a região. As imagens reunidas neste livro dão prova do vigor de éden que a região ~~emana~~ emanava – no momento, infelizmente, o pretérito se impõe. Exaltar a beleza viva segue sendo a proposta editorial em pauta. Mas o ecocídio histórico acabou conferindo à publicação um estranho caráter pós-tumo. As imagens ganharam uma moldura invisível, sufocante. Como se

o conjunto de fotografias de súbito se erguesse, à revelia do autor, como uma espécie de memorial às vítimas silvestres do fogo no Pantanal. Assim, diante do boca-d'água (*Plectorocebus sp. nov.*), retratado na página 69, que Araquém Alcântara descobriria mais tarde se tratar de um achado científico, já que a espécie ainda não foi descrita pelos primatologistas, fica difícil não se perguntar: quantas outras espécies da fauna e da flora locais foram dizimadas pelos incêndios antes mesmo que tomássemos conhecimento de sua existência? Ou aquele casal de onças-pintadas, na página 74, que rendeu ao precursor da fotografia de natureza no Brasil um registro pessoal inédito, uma cena cobiçada havia mais de 30 anos e finalmente flagrada, em novembro de 2019, diante da Serra do Amolar: a cópula da *Panthera onca*. Se a gestação de fato vingou, a fêmea deve ter parido por volta de fevereiro de 2020. A dúvida mancha a imagem: com pouco mais de 6 meses de idade, terá o filhote sobrevivido ao fogo?

Em seus 50 anos de carreira – completados justamente em 2020, quando o Pantanal queima como nunca –, Araquém Alcântara sempre professou uma dupla jornada, como artista e ativista. Seguindo a regra, este livro está intimamente vinculado a um esforço coletivo em defesa da biodiversidade local: no caso, a Rede de Proteção e Conservação da Serra do Amolar. Criada em 2008 a partir de uma parceria entre Instituto do Homem Pantaneiro, Instituto Acaia Pantanal, Fazenda Santa Tereza, Fundação Ecotrópica, Instituto Chico Mendes e Polícia Militar Ambiental, a Rede do Amolar promove a conservação ambiental aliada ao desenvolvimento humano numa área que soma, atualmente, 276 mil hectares, entre fazendas e RPPNs (Reserva Particular do Patrimônio Natural), além do Parque Nacional do Pantanal Matogrossense.

A iniciativa é superlativa – como a paisagem convertida em carvão. A reação é urgente: apagando o fogo, acendendo consciências. Nesse contexto, este livro delineia outro horizonte diante de nós: um contraponto à terra arrasada, a perder de vista. Um manifesto poético, assinado por Araquém Alcântara, em defesa da Serra do Amolar. Uma aposta no poder regenerador da beleza. Assim vêm à luz estas fotografias: como ode à vida desafiando o réquiem pantaneiro.



















Colhereiros (*Platalea ajaja*)









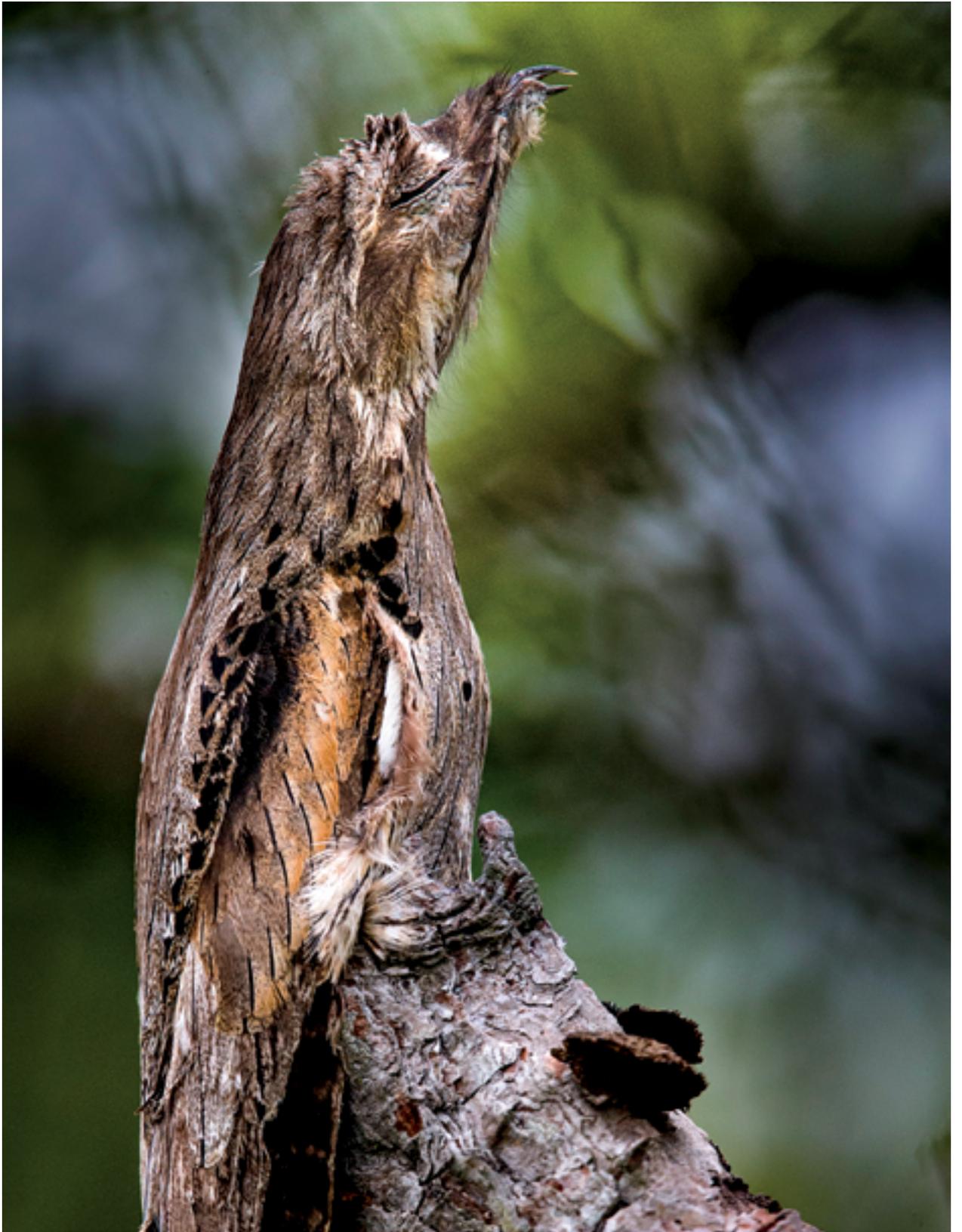












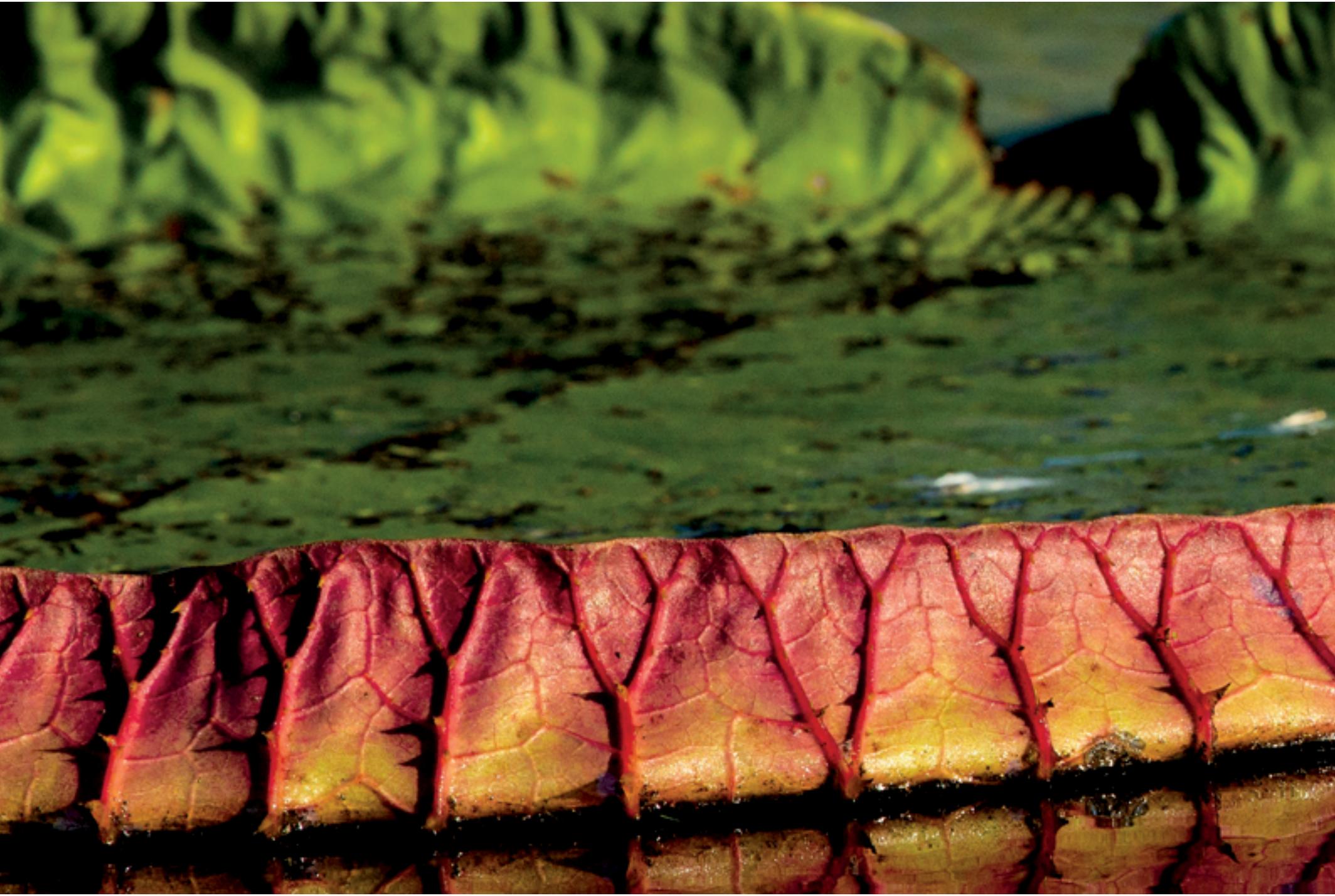












Detalhe de vitória-régia (*Victoria amazonica*)











Garças-brancas-grandes (*Ardea alba*)







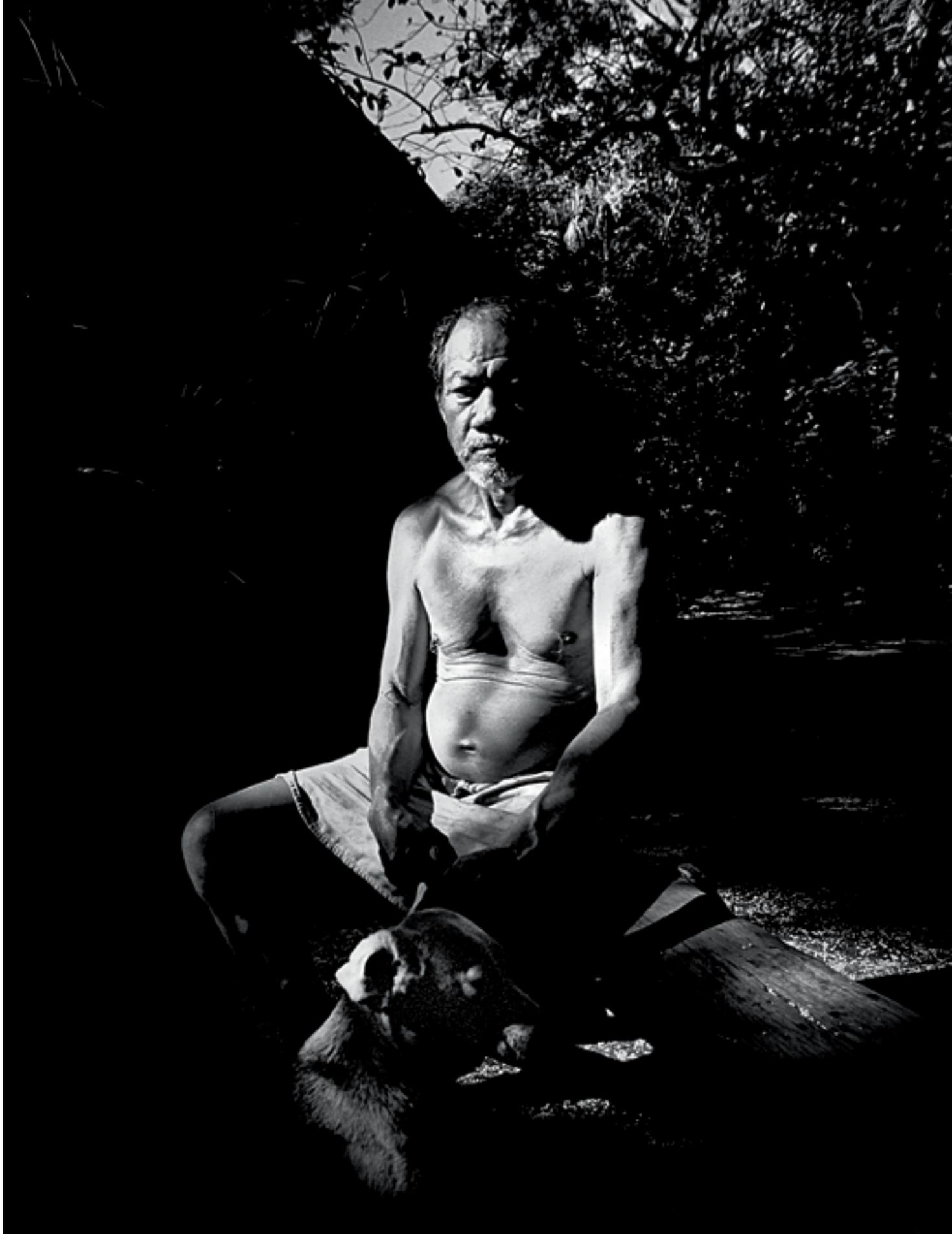






Camalote – conjunto de aguapés (*Eichhornia* spp.)



































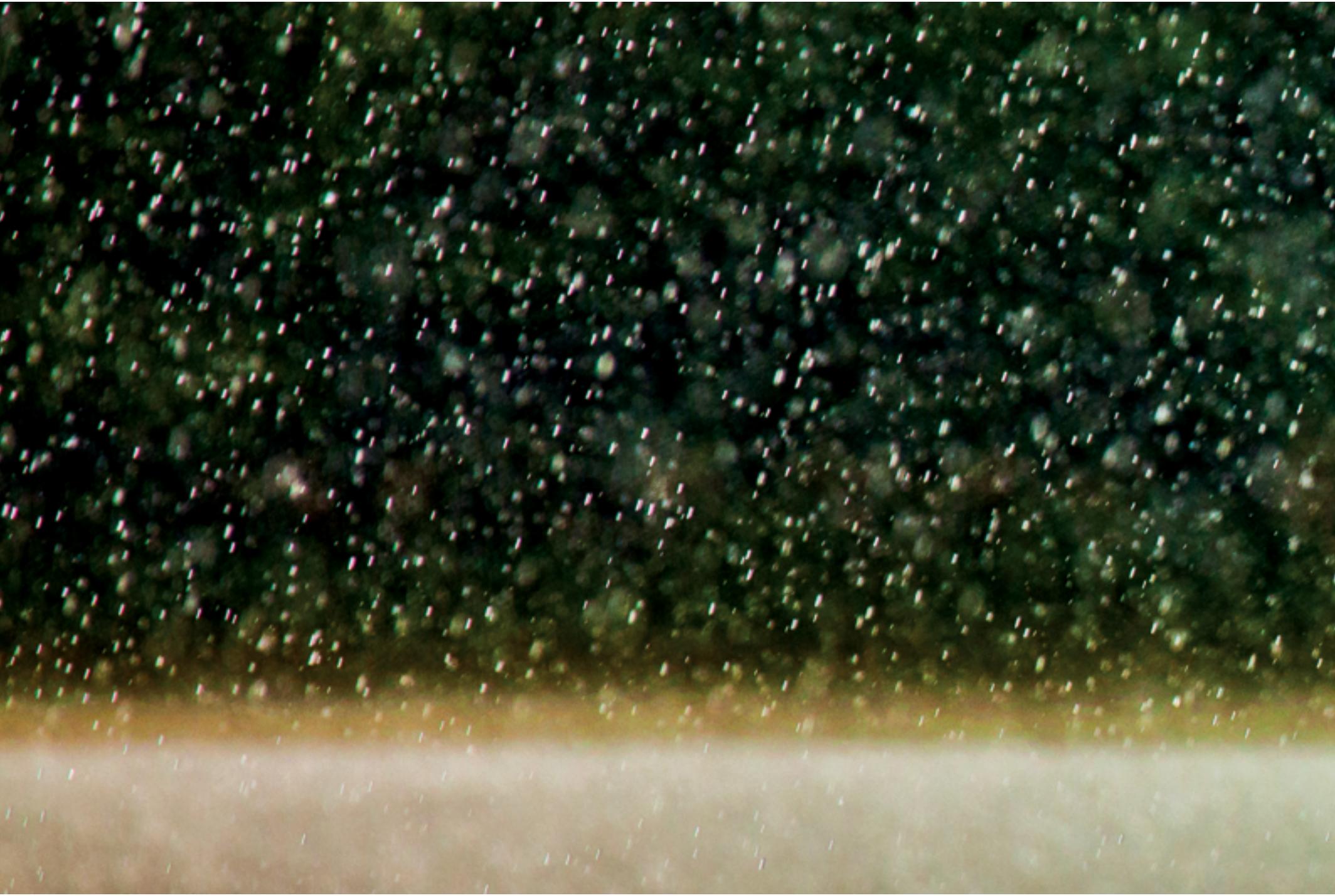






Garças-brancas-grandes (*Ardea alba*)











Aguapés (*Eichhornia* spp.)

























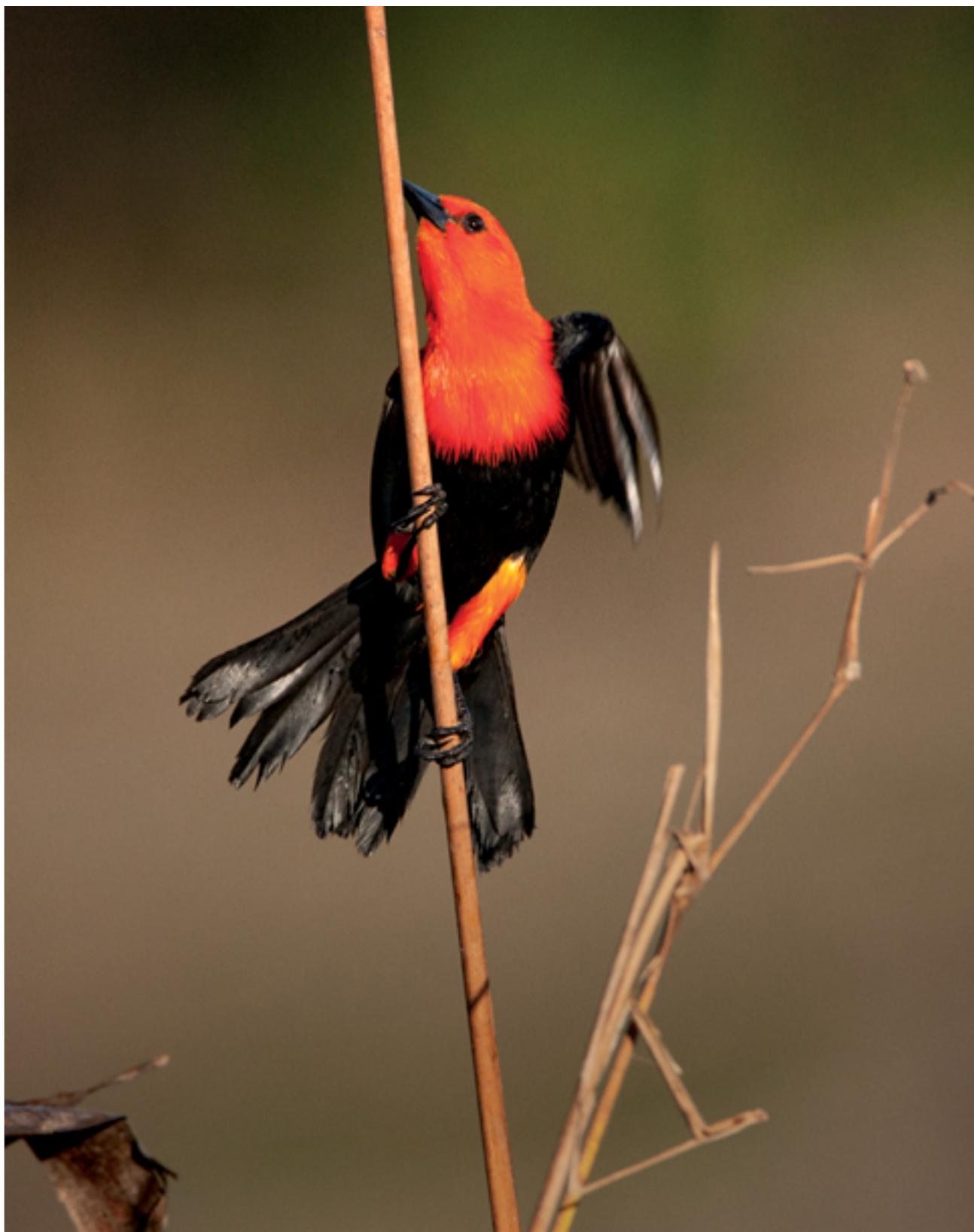




















*De como se devassa um éden**

Antonio Lino

Deus não sentia o coração pesado de ira, como no *Gênesis*, quando decidiu alagar o mundo de novo. Basta olhar a vida pujante ao redor para ter certeza: o dilúvio no Pantanal não é castigo – é dádiva. Além do mais, dessa vez, Ele próprio se encarregou da Arca. Talhada em pedras [arenito, quartzo e grauvaca, principalmente], a obra resultou portentosa, com cumes acima dos 900 metros de altura num corpanzil de mais de 40 quilômetros de comprimento, encajado há milhões de anos na paisagem. Quando as águas sobem, inundando a vasta planície circundante, os animais refugiam-se a bordo da Serra do Amolar.

Esse éden escarpado destoa completamente da horizontalidade sem beira do Pantanal. Pelo menos daquele Pantanal clássico, arraigado no imaginário coletivo, que Lévi-Strauss chamou de “deserto aquático”. Sem a mesma argúcia do antropólogo francês, os primeiros cronistas espanhóis recorreram à metáfora mais trivial: *parece o mar*, registrou o conquistador Cabeza de Vaca, em meados do século 16, pela pena de seu escrivão Pedro Hernández. A crescente presença portuguesa na *Laguna de los Xarayes* introduziu novo sotaque – além dos indígenas e do castelhano – à toponímia local. Num texto de 1727, em que o Capitão João Antonio Cabral Camello dá ao Reverendíssimo Padre Diogo Juarez “notícia prática” sobre sua viagem às Minas do Cuiabá, registra-se pela primeira vez, segundo a historiadora Maria de Fátima Costa, a expressão que consagraria a região no mapa-múndi contemporâneo: “Pantanal chamam os Cuiabanos a umas vargens muito dilatadas, que começando no meio do Taquari, vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá”. Hoje, compreende-se que à alcunha com a qual os mamelucos paulistas acabaram batizando uma das maiores planícies inundáveis do planeta conviria melhor o plural – *pantanais*. São pelo menos 11, cada um com feições peculiares. E o devido sobrenome: pantanal de Cáceres, de Paiaguás, do Abobral, de Poconé, de Nhecolândia... Em meio a essa diversidade interna do bioma, nesgas de planalto, entre serranias e morrarias, salpicam a hegemonia plana, mas nenhuma formação apresenta a mesma robustez contínua da Serra do Amolar – uma das peças mais vistosas desse mosaico natural de quase 180 mil quilômetros quadrados.

*O título deste ensaio é emprestado de Guimarães Rosa, que abre com essa frase um relato sobre sua viagem ao Pantanal em 1947.

Na página ao lado, com seus cumes acima dos 900 metros de altura, a Serra do Amolar reconfigura completamente a perspectiva plana típica do Pantanal.



PARAGVAY, O
 PROV. DE RIO DE LA PLATA
 cum regionibus adiacentibus
 TVCVMAN
 et
 S^{TA} CRVZ DE LA SIERRA.



XARAYES

MOXOS

CHICAS

TVCVMAN

TROPICVS

CAPRICORNI.

GUARANIES

DEL N

Rio de la plata

AMSTELON
 Guiljelmus F
 excudi

Lago de los Xarayes

Puerto de los Reyes

Xacoacs
 Xaquelles
 Chanells

Guaxarapos

Paraguaes
 Guebeculis

Suruculis

Bafcherepos

Paiembos

Yaperues

Guaicuruos

Carios

Agaz

zes

Santana

Quiloacas

Tembues

Quirandies

Diaguitas

Iurics

Chaurruaes

Chaurruaes

Chaurruaes

Chaurruaes

Chaurruaes

Val de Xuxui

Val de Calchaqui

Titanoes

Taguamacia

Chiquitos

Ytatyn

Yaperues

Guaicuruos

Yaperues

Além do deslumbre cênico aos viajantes e do refúgio seco à fauna terrestre na época da cheia, o Maciço situado no extremo noroeste do Mato Grosso do Sul, próximo à fronteira do Brasil com a Bolívia, oferece muitos outros serviços ao ecossistema pantaneiro. Como barragem natural, por exemplo, a Serra do Amolar estoca umidade, regula o clima e amolenta as curvas do Rio Paraguai, artéria doce que dita o vaivém das águas – e, portanto, da vida – na região. Desde as primeiras borbulhas vertidas na Chapada dos Parecis, no Mato Grosso, o caudal transnacional – que escorre por quatro países – vem encorpando seu leito raso até chegar diante dos paredões do Amolar, onde desacelera ainda mais a sua marcha preguiçosa para beijar os pés da Serra. As grandes lagoas permanentes – Gaíva, Mandioré e Uberaba – que jazem ali, à sua espera, agradecem a visita e se espriam.

Embora não haja um parentesco direto entre as duas formações, paira sobre a Serra do Amolar a sombra da Cordilheira dos Andes, com a qual o Pantanal mantém uma íntima relação geológica: há cerca de 60 milhões de anos, quando a placa tectônica de Nazca deu de cara com a placa sul-americana, as montanhas andinas e o Planalto Brasileiro se ergueram. Entre lá e cá, emparedada, a imensa planície foi sendo lentamente aterrada pelos sedimentos trazidos ladeira abaixo por uma volumosa malha fluvial, que desce das encostas íngremes da vizinhança. Deitado sobre a planura quase absoluta – com uma sutil declividade de 3 a 15 centímetros por quilômetro –, sem calha suficiente para tanta enxurrada, o Rio Paraguai faz o que pode: transborda. A uma velocidade de 10 quilômetros por dia, a enchente demora seis meses para atravessar o Pantanal.

Isso tudo sabemos hoje, mas até anteontem muita gente graúda encampava a tese de que o Pantanal teria sido mar em priscas eras. Mar mesmo, sem metáfora – salgado, atapetado de conchas e, quem sabe... com as vísceras borbulhando de petróleo. Em seu afã nacionalista e precursor na exploração do ouro negro em solo brasileiro, Monteiro Lobato entusiasmou-se:

O que foi Mato Grosso em eras remotíssimas? [...] Um mar. Um fundo de mar. Isso há milhares de séculos, no período Siluriano. [...] Lagoas, lagoas e pântanos de água salgada [...] representam a ossada dispersa do velho mar de Xaraés. Nesse mar mediterrâneo, encurralado pelo levantamento dos Andes e pelas barreiras montanhosas, norte-sulinas, do Brasil atual, formou-se um tremendo depósito de petróleo.

A Laguna de los Xarayes – ou Lago, conforme o registro – figura em mapa da Província do Paraguai desenhado pelos irmãos Joan e Cornelius Blaeu, por encomenda do rei da Baviera em 1640 (Biblioteca do Estado da Baviera).

Investigações geológicas realizadas pela Petrobras nos anos 1960 confirmaram a secura da teoria. E acabaram por dar razão ao chiste do escritor Cassiano Nunes: “Lobato foi o único homem no Brasil que ganhou dinheiro com literatura e o perdeu com petróleo”.

Mas voltemos ao Rio Paraguai a recolher, v-a-g-a-r-o-s-a-m-e-n-t-e, o manto líquido estendido sobre a paisagem. Absorvendo o caldo de detritos orgânicos que a vazante deixa em seu rastro, o chão emerso explode em mais de 1.500 espécies de plantas. A biodiversidade do Pantanal é uma benesse do Rio Paraguai – Nilo latino –, que em seu pulso sazonal movimenta um ciclo virtuoso, fertilizando o solo arenoso da região. Nessa dança das estações, de par com a cheia, a seca resguarda a memória viva da passagem das águas em aquírios magros e turbulentos – 60 espécies de peixes chegam a ficar confinadas juntas numa lagoa de 2 metros quadrados. As aves – 656 espécies, um dos maiores viveiros do mundo – mariscam a fartura. Os jacarés se enterram na lama. Em meio a capivaras e cervos saltitantes, a onça-pintada se refestela, no trono da cadeia alimentar.

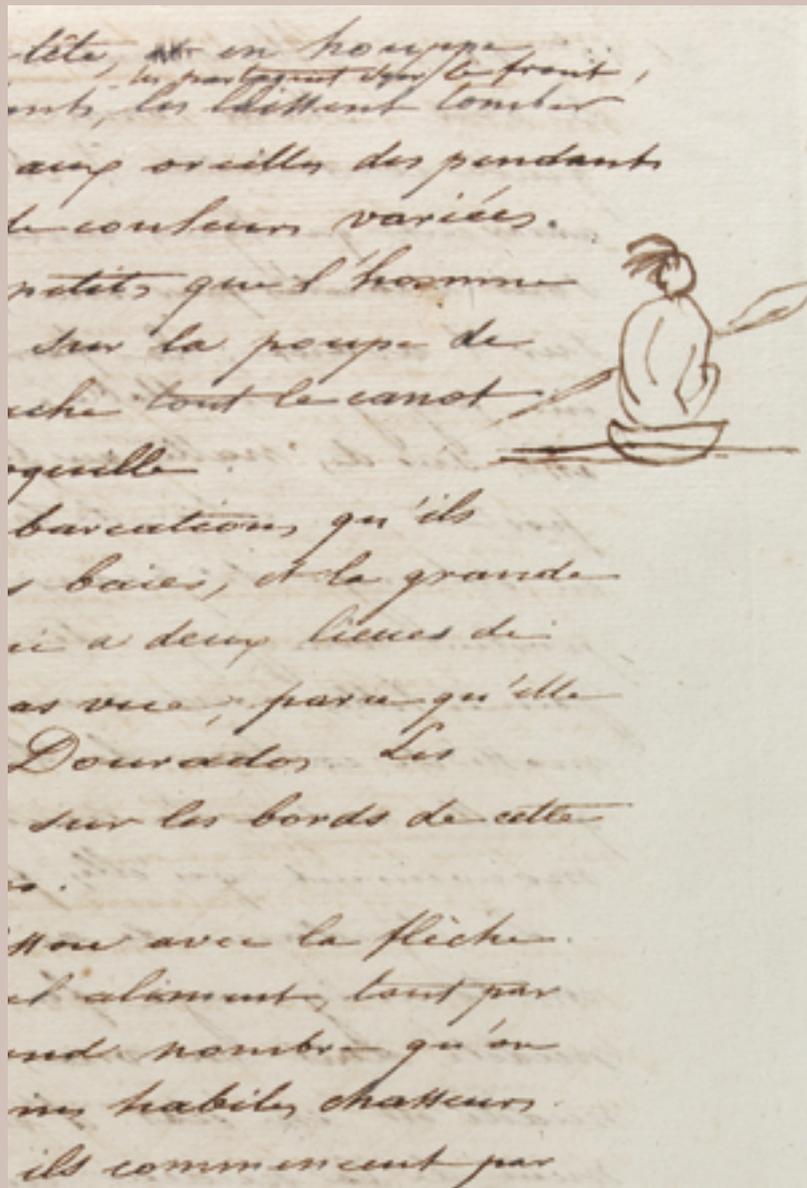
Até que um tiro acerta a onça.

Era um belo quadro o daquele grande e formidável gato – a pele marchetada – rosnando a desafiar a matilha, em baixo. [...] Desse modo atirei imediatamente, de uns sessenta metros de distância, usando a minha espingarda favorita, uma “Springfield” pequena, com a qual já havia abatido muitas espécies de caças africanas, desde o leão ao elefante e outras menores. As balas eram pontiagudas, com ponta de aço puro. Com o tiro, o jaguar caiu como um fardo pelos ramos abaixo e, embora vacilante nas patas, não pôde dar senão poucos passos e deixou-se esvaír. Quando cheguei, já estava morto debaixo das palmeiras, sendo devorado por três ou quatro cães.

O dedo no gatilho da *Springfield* é de Theodore Roosevelt. Entre dezembro de 1913 e abril de 1914, uma expedição científica guiada por ninguém menos que Cândido Rondon, entre outros feitos, cartografou um rio obscuro no Norte do Brasil e catalogou a fauna local, proporcionando em seu trajeto para a Amazônia vários safáris no Pantanal ao ex-presidente norte-americano [um caçador inveterado que, numa aparente contradição à luz dos nossos tempos, decretou a proteção legal de 230 milhões de hectares nos Estados Unidos, entre reservas,

Na página ao lado, Theodore Roosevelt (à esquerda, em primeiro plano) e Cândido Rondon (à direita, sem chapéu), junto com homem não identificado (ao centro), seguram uma pele de onça-pintada durante expedição pelo Brasil em 1913 (Biblioteca do Congresso dos EUA).





Detalhe do manuscrito *L'Ami des arts* com anotações de viagem e ilustração sobre os índios guató feitas por Hercule Florence, desenhista na expedição capitaneada pelo Barão de Langsdorff do Rio Tietê ao Amazonas, entre 1825 e 1829 (Instituto Hercule Florence).

florestas e parques nacionais. Um valioso legado conservacionista, cheirando a pólvora]. Ainda no Centro-Oeste, com pouco mais de um mês de viagem desde Corumbá, os taxidermistas da expedição já haviam empalhado em torno de mil pássaros e cerca de 250 mamíferos – entre tamanduás, capivaras, cervos, porcos-do-mato, além, é claro, dos felinos –, tudo despachado para o acervo do Museu de História Natural de Nova York. Entre uma caçada e outra, certa tarde, subindo o Rio Paraguai a bordo do vapor *Nioac*, da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, a vista do convés inspirou um comentário entusiasmado do ilustre passageiro: “*Wonderful, wonderful!*”, exclamou Roosevelt, diante do pôr do sol que dourava a Serra do Amolar.

Ouve-se o eco de outros tiros, mais distantes, no Rio Paraguai.

[...] tendo ao inimigo a tiro de canhão, fez disparar às esquadras de canoas, que a maioria delas foi afundada e transtornada pelos tiros; e aproximando-se mais aos inimigos, e brigando com eles, os espanhóis, com seus arcabuzes e balestras, [...] mataram grande quantidade de índios, de maneira que foram desbaratados e postos em fuga os que escaparam, ficando os espanhóis vitoriosos com perdas apenas de dois soldados [...].

Em 1526, ao alvejar os *payaguases* – hoje extintos, mas “que naquela ocasião assestavam todo aquele rio” –, a esquadra de Sebastian Caboto, piloto maior do rei de Espanha, inaugurou uma carnificina histórica. Nos séculos seguintes, se embrenhando pelas águas cálidas do Rio Paraguai, os exploradores ibéricos enfrentaram – a ferro, fogo e vírus – a resistência de seus anfitriões indígenas. Em busca de ouro, escravos e glebas, sucessivas hordas de bandeirantes, garimpeiros, monçoeiros e toda sorte de aventureiros, desbravadores e jagunços fincaram seus marcos de posse no lugar das aldeias destruídas. A violência da ocupação mutilou um dinâmico organismo cultural, composto por diversos povos – além dos desaparecidos Paiaguá, Orejone e *Xarayé* [daí o nome da *Laguna* castelhana], também os Chané, Guaná, Guató, Guaicuru, Bororo, entre outros – que se relacionavam através do comércio, da mestiçagem ou da guerra.

O Pantanal é uma encruzilhada – de gente, bichos e plantas. A maior área úmida continental do planeta é um elo importantíssimo entre a maior floresta tropical do mundo, o Cerrado e o Chaco. Em seu longo percurso, o Rio Paraguai

e seus afluentes testemunham a miscelânea de paisagens: campos secos, pastagens nativas, baías, salinas, savanas, lagoas, matas, brejos. Tudo interligado por caminhos perecíveis, que a qualquer momento os aguapés podem bloquear. Nesse labirinto líquido, enquanto a vitória-régia – um ícone amazônico –, sentindo-se em casa, boia num corixo [pode ser o Piúva, o Vermelho, o Três-Bocas], a 100 metros dali, na encosta enxuta, enormes cactos típicos dos cerrados mais áridos ericam seus espinhos. Os bocas-d’água também vieram do Norte, pulando de galho em galho. No Centro-Oeste, os macacos encontraram uma copa conhecida: seus conterrâneos cambarás, adornando as margens dos cursos d’água com suas flores amarelas. A tiriba-de-cara-suja é imigrante boliviana, enquanto a *bilbola*, um lagartão nadador, é paraguaia. As fronteiras geopolíticas, na verdade, não delimitam os domínios da natureza. Há uma integração absoluta entre os biomas. Uma interdependência de vida... ou morte: se a Amazônia e o Cerrado queimam, mingam, perecem, o Pantanal – que nunca foi mar – corre sério risco de virar sertão.

Como entroncamento humano, no Pantanal convergem os caminhos de povos oriundos da Amazônia e do Chaco [boliviano, paraguaio e argentino], com fortes influências andinas – tudo retemperado mais tarde com a chegada dos europeus e a migração dos mamelucos e negros à região. Nesse palco movediço de encontros e desencontros, o chão nos conta – através de artefatos de pedra lascada e polida – que os primeiros assentamentos na planície sul-mato-grossense datam de 8 mil anos. Tempos depois, ao se abrigarem na Serra do Amolar, esses antigos caçadores-coletores-pescadores deixaram o testemunho de sua presença perpetuado em baixo-relevo: nos lajedos e paredões do Morro do Caracará, por exemplo, grafismos zoomórficos retratam a fauna local. Os padrões geométricos e os círculos concêntricos – alguns sinalizados com uma cruz central – são mais enigmáticos, provavelmente relacionados ao imaginário mítico dos gravuristas. Tendo atravessado milênios inteiros, essa crônica lítica nos traz do passado mais perguntas que respostas: eis sua beleza insondável.

Quando Max Schmidt visitou as galerias rupestres do Caracará, em 1910, seus guias eram índios guató – “habitante aquático por excelência; mais do que qualquer outra tribo do continente sul-americano”, segundo o etnólogo alemão. Na verdade, desde o século 16, várias gerações de viajantes já haviam confirmado a espantosa maestria dos nativos no manejo de suas canoas escavadas em tronco

de cambará. Naquele tempo, as águas ainda moldavam o corpo dos homens – truncados e com as pernas finas, arqueadas para dentro, de tanto remarem sentados –, a tal ponto estavam os Guató vinculados a seu meio de transporte e vida.

Mas então o arroz-selvagem [*Oryza latifolia*] – que os índios colhiam do alagado sem desembarcar, sacudindo as espigas e enchendo até a borda suas canoas – começou a perder lugar para a erva-mate. A soldadesca empenhada na Guerra do Paraguai alastrou a varíola pela região, fulminando aldeias sem dar um tiro. Os coureiros passaram a acampar naquelas terras [desde então, o tráfico de peles silvestres se disseminou em tal escala que, só na década de 1980, cerca de 5 milhões de jacarés foram mortos para virar acessório de moda]. O gado se espalhou pela planície, por vezes pisoteando roças nativas [no dia 4 de janeiro de 1914, Theodore Roosevelt visitou a fazenda Descalvados, uma das mais antigas do Pantanal, de propriedade da *Brazil Land, Cattle and Packing Company*, que na época dispunha de 70 mil cabeças de gado, ruminando em seus mais de 800 mil hectares, sob a supervisão de um caubói do Texas. Nos moldes tradicionais, com rebanho disperso em pastagem nativa, a pecuária amalgamou-se à paisagem e à



Grupos indígenas pré-coloniais que habitaram a região da Serra do Amolar deixaram diversos registros rupestres nas paredes do Morro do Caracará.

cultura pantaneira como as conhecemos hoje]. Em debandada e gradualmente aniquilados, os Guató foram considerados extintos na década de 1950.

Os “argonautas do Pantanal” [a expressão é do arqueólogo Jorge Eremites de Oliveira], contudo, ressurgiriam. Em 1976, uma missionária salesiana identificou uma índia guató morando na periferia de Corumbá. Aos poucos, os parentes foram se reagrupando, até voltarem a comer ensopado de peixe com banana verde, beber vinho de acuri, tocar viola de cocho, dançar cururu e remar nos arredores da Ilha Ínsua – seu território sagrado: o centro do universo. Hoje, os Guató são considerados os últimos remanescentes entre todos os povos canoeiros que habitaram o Pantanal.

Minha avó [...] falava que aquela água diz que balanceou, que fazia aquele rumor, parecia que vinha uma fervura debaixo ansim da terra, né? Diz que tremiiiii aquilo, que tremiia, que sacudia [...]... Quando fez três dia a água arreventou pra cima, subiu, foi pra cima. Que muitos que correram escapou, né? E muitos morreu. Muitos morreu... ali era uma aldeia muito grande, na Gaíva, né? Por causa desse olho d'água que tinha aí. Entonce que a água baixou e aformou esse baíão.

Nessa cosmogonia guató [ver o belíssimo *500 almas*, documentário de Joel Pizini], o dilúvio que penaliza parte da humanidade não desaba do céu – irrompe do chão. Mas o cataclismo é também gênese: quando as águas baixam, nos conta a velha índia, diante da Serra do Amolar, eis que surge a grande lagoa Gaíva – grande como um mar – oferecendo-se às canoas. Todo ano, a cada inundação, a Criação se repete. Com essa feição purificada, eternamente jovial, de natureza recém-nascida, o Pantanal aguça nosso olhar adâmico – o olhar de quem vê o mundo pela primeira vez. É assim, desarmados, que nos embrenhamos nesse “Paraíso Terrenal” [Díaz de Guzmán], nessa “paragem lendária” [Max Schmidt], nessa “paisagem de sonho” [Lévi-Strauss], nessa “força que inunda como os desertos” [Manoel de Barros]. É preciso entregar canhões, arcabuzes e espingardas ao passado. Devassaremos o éden – poeticamente, dessa vez – empunhando uma máquina fotográfica.





Trajetória

Araquém Alcântara



1951

Nasce no dia 16 de janeiro em Florianópolis [SC]. Filho de Manoel Alcântara Pereira e Maria Rosa Pereira.

1957

Muda-se com a família para a cidade de Santos, no litoral paulista.

1961

Cursa o primeiro ano do ginásio no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Santos.

1962

Ganha uma bolsa de estudos e ingressa no Seminário Carmelita de Itu [SP].

1965

Conclui o ginásio no Seminário e começa a trabalhar como *office boy* em Santos.

1966 – 1968

Cursa o científico no Colégio Luiza Macuco, na Ponta da Praia, em Santos.

1970

Ingressa na Faculdade de Jornalismo da Universidade de Santos.

Assiste ao filme *A ilha nua*, do diretor japonês Kaneto Shindô, experiência decisiva na sua escolha pelas artes visuais.

Produz suas primeiras fotografias, retratando prostitutas no cais de Santos.

1971

Começa a trabalhar como repórter no jornal *Cidade de Santos*.

1973

Começa a trabalhar como repórter e fotógrafo na sucursal de Santos do jornal *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*.

Primeira exposição individual: *Os urubus da sociedade*, realizada no Clube XV, em Santos.

1974

Conclui a graduação na Faculdade de Jornalismo da Universidade de Santos.

Exposição *Santos sempre* [Galeria de Arte de Santos, Santos].

Foto: João Marcos Rosa

1975

Começa a se dedicar à fotografia de natureza, produzindo ensaios sobre a Mata Atlântica na Baixada Santista e sobre a poluição ambiental em Cubatão.

Exposição coletiva *Fotografia ecológica* [Prodesan, Santos].

Nasce Rita de Alcântara Pereira, sua filha.

1977

Exposição *Mata Atlântica* [Sesc Santos, Santos].

1978

Participa da fundação da Cooperativa dos Jornalistas de Santos [Jornacoop].

Exposição coletiva *Hecho en Mexico* [Conselho Mexicano de Fotografia, Cidade do México].

1979

Realiza sua primeira matéria de cunho ambientalista: a documentação do Parque da Jureia, em Iguape [SP].

Em viagem à Amazônia, no Igarapé do Guedes, em Manacapuru, fotografa sua primeira onça.

Muda-se para a cidade de São Paulo.

Começa a trabalhar na sucursal do jornal *O Globo*, em São Paulo.

Participa da coletiva *Mostra de fotografia* [Funarte, Rio de Janeiro].

1980

Torna-se *freelancer* e passa a colaborar em periódicos nacionais e internacionais.

Como repórter fotográfico a serviço da revista *IstoÉ*, cobre as históricas greves do ABC paulista. Parte do material é publicada no livro *A greve do ABC* [Agência F4, São Paulo, coautoria].

Em protesto contra a instalação de usinas nucleares na Jureia, produz um retrato de seu pai segurando a imagem emoldurada de ossadas insepultas, de vítimas da bomba atômica em Hiroshima. A imagem corre o mundo e contribui para que a causa ganhe notoriedade. Com a pressão social, o governo federal abandona o projeto e as usinas não são construídas.

1981

Livro *Presença das Crianças nas Américas* [Edição Unicef, Bogotá, coautoria].

Prêmio Presença das Crianças nas Américas [Unicef, Bogotá, Colômbia].

1982

Participa da coletiva *Mostra de fotografia* [Funarte, Rio de Janeiro].

Exposição coletiva *Todos uno* [Nova York, EUA].

Grande Prêmio da 1ª Bienal de Fotografia Ecológica [Porto Alegre].

1983

Exposição coletiva *Lê Brésil dés brésiliens*, promovida pelo Ministério das Relações Exteriores e Itamaraty [Centro Cultural Georges Pompidou, Paris, França].

Exposição coletiva *Fotografia: uma expressão pessoal* [Centro Cultural São Paulo, São Paulo].

1984

Participa do *Colóquio Latino Americano de Fotografia* [Havana, Cuba].

Exposição coletiva *Hecho en Latino America* [Casa das Américas, Havana, Cuba].

1985

Participa da *1ª Quadrienal de Fotografia* [MAM-SP – Museu de Arte Moderna, São Paulo].

Exposição *10 mil Hiroshimas* [Masp – Museu de Arte de São Paulo, São Paulo].

1986

Inicia as expedições de documentação da fauna e da flora dos parques nacionais brasileiros, que darão origem ao livro *Terra Brasil*, 12 anos depois.

1987

Integra o acervo do Museu Internacional do Café, em Kobe [Japão].

Exposição coletiva itinerante *Brasil: cenários e personagens* [Funarte].

1988

Publica seu primeiro livro: *Jureia, a luta pela vida* [Index, Rio de Janeiro].

Exposição *Verbo: ver* [Sesc Pompeia, São Paulo].

Exposição coletiva *Brasil: cenários e personagens* [Embaixada Brasileira em Moscou, Rússia].

1989

Livro *Árvores de Minas*, com textos de Roberto Burle Marx e José Tabacow [ACM, Rio de Janeiro].

Exposição *Jureia, a luta pela vida* [Masp – Museu de Arte de São Paulo, São Paulo].

Exposição coletiva *Brasil: cenários e personagens*, promovida pelo Ministério das Relações Exteriores [Funarte, Rio de Janeiro].

1990

Livro *Mar de dentro* [Empresa das Artes, São Paulo].

Exposição *Saudade moderna: ensaios fotográficos de Araquém Alcântara e Cristiano Mascaro* [Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo].

-
- 1991**
Exposição *Mar de dentro* [MIS – Museu da Imagem e do Som, São Paulo].
- Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes [APCA] pela exposição *Saudade moderna: ensaios fotográficos de Araquém Alcântara e Cristiano Mascaro* [1990].
-
- 1992**
Publica *Bichos do Brasil*, edição especial de colaborador para a *National Geographic Society*.
- Livro *Santos* [Empresa das Artes, São Paulo].
- Livro *Estações ecológicas do Brasil* [Empresa das Artes, São Paulo, coautoria].
- Livro *Interior* [Metalivros, São Paulo, coautoria].
- Livro *Santa Catarina* [Metalivros, São Paulo, coautoria].
- Livro *Mata Atlântica* [Index, Rio de Janeiro, coautoria].
- Exposição coletiva *São Paulo 1992* [Paço Imperial, Rio de Janeiro].
- Exposição coletiva *2ª coleção Pirelli-Masp de fotografia* [Masp – Museu de Arte de São Paulo, São Paulo].
-
- 1993**
Livro *Ecologia no Brasil: mitos e realidades* [JB, Rio de Janeiro, coautoria].
- Livro *Árvores do Brasil* [Prêmio Editorial, São Paulo, coautoria].
- Exposição *Santos* [Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, São Paulo].
- Exposição *Amazônia* [Galeria da Japan Rain Forest, Tóquio, Japão].
- Exposição coletiva *Internacional photo meeting* [Sesc Pompeia, São Paulo].
-
- 1994**
Exposição *Luzes de Alcântara* [Casa Fuji de Fotografia, São Paulo].
-
- 1995**
Viaja aos Estados Unidos e África produzindo reportagens para as primeiras edições da revista *Caminhos da Terra*.
- Exposição coletiva *Retratos de São Paulo* [Caixa Econômica Federal, São Paulo].
- Morre seu pai, Manoel Alcântara Pereira [Queco], aos 86 anos.
-
- 1996**
Livro *Brasil: retratos poéticos* [C&D, São Paulo].
- Livro *Verde lente: ensaios* [Empresa das Artes, São Paulo, coautoria].
- Livro *Imagens do Brasil* [DBA, São Paulo, coautoria].
- Livro *São Paulo: ensaios* [DBA, São Paulo, coautoria].
- Exposição coletiva *Imágenes de Brasil* [Museo de Arte Contemporáneo de Caracas Sofía Imber, Caracas, Venezuela; Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina; Casa do Brasil, Bogotá, Colômbia].
- Prêmio Aquisição da Coleção Pirelli-Masp, São Paulo.
-
- 1997**
Escala pela primeira vez o Pico da Neblina, ponto mais alto do Brasil.
- Vive por quatro meses na Amazônia, finalizando sua documentação sobre os parques nacionais brasileiros.
- Livro *Nossos parques nacionais* [Banco Volkswagen, São Paulo].
- Exposição coletiva *Verde lente* [MAM-SP – Museu de Arte Moderna, São Paulo].
- Exposição coletiva *Mata Atlântica* [Galeria do CitiBank, São Paulo].
-
- 1998**
Livro *Terra Brasil* [DBA/Melhoramentos, São Paulo].
- Exposição *Terra Brasil* [Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo].
- Exposição *Terra Brasil* [Canning House Gallery, Londres, Reino Unido].
- Prêmio Abril de Jornalismo.
-
- 1999**
Exposição coletiva *Fotografia contemporânea brasileira* [Museu Kunsthhaus, Zurique, Suíça].
- Exposição coletiva *Brasilianische fotografie 1946 bis 1998* [Kunstmuseum, Wolfsburg, Alemanha].
-
- 2000**
Colabora com a criação e publica nas primeiras edições da revista *National Geographic* no Brasil.
- Livro *Brasil iluminado* [DBA, São Paulo].
- Livro *Patrimônios da humanidade no Brasil* [Metalivros, São Paulo, coautoria].
- Livro *Brasil: pontos turísticos* [Embratur, São Paulo, coautoria].
- Livro *Projeto dique: a conquista da cidadania* [Edição do Autor, Prefeitura de Santos].
- Exposição *Brasil iluminado* [MIS – Museu da Imagem e do Som, São Paulo].

2001

Livro *Polos de ecoturismo*
[Embratur e Terragraph, São Paulo].

Livro *Litoral do Brasil*
[Metalivros, São Paulo, coautoria].

Livro *Unknown Amazon* [British
Museum, Reino Unido, coautoria].

Exposição coletiva *Mudanças
climáticas*, promovida pelo Ministério
das Relações Exteriores [Memorial da
América Latina, São Paulo].

Exposição coletiva *Parques nacionais
do Brasil*, promovida pelo Ministério
do Meio Ambiente [Jardim Botânico,
Rio de Janeiro].

2002

Livro *Patrimônio mundial no Brasil*
[Unesco, Brasília/DF, coautoria].

Exposição *Pantanal*
[Sesc Vila Mariana, São Paulo].

Exposição *De olho no futuro*
[MAM-SP – Museu de Arte Moderna,
São Paulo].

Prêmio von Martius da Câmara
de Comércio Brasil-Alemanha
na categoria *Natureza*.

2003

Livro *Paisagem brasileira*,
com textos de Aziz Ab'Saber
[Metalivros, São Paulo].

Livro *Parques nacionais do Brasil*
[Empresa das Artes, São Paulo].

Livro *Pantanal* [Melhoramentos
e TerraBrasil, São Paulo].

Exposição *Labirintos e identidades:
a fotografia no Brasil de 1945 a 1998*
[Centro Universitário Maria Antonia,
São Paulo].

2004

Livro *Brasileiros*
[TerraBrasil, São Paulo].

Livro *SP 450* [TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Mamangá*
[Edição do Autor, São Paulo].

Livro *Ibitipoca*
[Edição do Autor, São Paulo].

Exposição *São Paulo, cenários
e personagens* [Palácio Anhangabaú,
São Paulo].

2005

Livro *Amazônia*
[TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Pantanal* [Manole, Barueri, SP].

Livro *Bahia* [Manole, Barueri, SP].

Livro *Imagens do Brasil*
[Manole, Barueri, SP].

Exposição *São Paulo, Amazônia*,
[MCB – Museu da Casa Brasileira,
São Paulo].

Exposição *São Paulo, brasileiros*
[Fnac Paulista, São Paulo].

Exposição coletiva
São Paulo, brasileiros
[Museu Afro Brasil, São Paulo].

Exposição *Viagens ao Brasil*
[Carreau du Temple, Paris, França].

2006

Livro *A grande floresta*
[TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Mar de dentro*
[Top Magazine, São Paulo].

Livro *Histórias de um fotógrafo
viajante* [Terceiro Nome, São Paulo].

Exposição *Ensaio sobre bicicleta*
[Sesc Santos, Santos].

Exposição *Fotografia brasileira
contemporânea na Coleção Carlos
Leal* [Caixa Cultural, Rio de Janeiro].

Prêmio Jabuti na categoria
*Arquitetura e Urbanismo, Fotografia,
Comunicação e Artes* pelo livro
Amazônia [2005].

2007

Livro *Águas do Brasil*
[TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Chapada Diamantina*
[TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Comara 50 anos*
[TerraBrasil, São Paulo].

Prêmio Dorothy Stang de
Humanidade, Tecnologia e Natureza
na categoria *Humanidade*.

Prêmio Fernando Pini na categoria
Melhor Livro de Arte do Ano pelo livro
Mar de dentro [2006].

2008

Livro *Mata Atlântica*
[TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Cabeça do Cachorro*
[TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Bichos do Brasil*
[TerraBrasil, São Paulo].

2009

Livro *Sertão sem fim*
[TerraBrasil, São Paulo].

Prêmio Abril de Jornalismo.

Recebe a Medalha do Mérito Militar,
a mais importante comenda do
Exército brasileiro, pelos serviços
prestados à cultura do país.

2010

Livro *Araquém Alcântara: fotografias* [TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Amazônia* [TerraBrasil, São Paulo].

Prêmio Abril de Jornalismo.

Vencedor do Prêmio Fernando Pini na categoria *Excelência Gráfica*.

Finalista do Prêmio Jabuti e do Prêmio Fundação Conrado Wessel 2010 com o livro *Sertão sem fim* [2009].

2011

Livro *Cachaça* [TerraBrasil, São Paulo].

SP-Arte/2011, Feira Internacional de Arte de São Paulo, São Paulo.

Prêmio Abril de Jornalismo.

Prêmio “Benny” *Prime Print Awards* na categoria *Livro de Arte* pelo livro *Araquém Alcântara: fotografias* [2010], Chicago [EUA].

2012

Livro *Termomecânica 70 anos* [TerraBrasil, São Paulo].

SP-Arte/Foto/2012, Feira de Fotografia de São Paulo, São Paulo.

2013

Livro *Amazônia* [Éditions de La Martinière, Paris].

Livro *Coleção Ipsis de fotografia brasileira*, 1º vol. [Ipsis, São Paulo].

Livro *Santos* [TerraBrasil, São Paulo].

2014

Livro *Veredas* [TerraBrasil, São Paulo].

Exposição *Veredas* [Galeria de Babel, São Paulo].

SP-Arte/2014, Feira Internacional de Arte de São Paulo, São Paulo.

2015

Livro *Mais Médicos* [TerraBrasil, São Paulo].

Exposição coletiva *Jardin d'Acclimatation* [Paris, França].

SP-Arte/Foto/2015, Feira de Fotografia de São Paulo, São Paulo.

2017

Livro *Jaguaretê* [TerraBrasil, São Paulo].

Exposição individual [Festival Interfoto, Itu, SP].

2018

Livro *Fibria – Riqueza compartilhada* [TerraBrasil, São Paulo].

Livro *Bicho Brasil* [Tordesilhas, São Paulo].

Livro *Foto falada* [Alta Books, São Paulo].

Exposição *Floresta iluminada* [Sesc Paraty, Paraty, RJ].

Morre sua mãe, Maria Rosa Pereira, aos 98 anos.

2019

Exposição *Pantanal – Serra do Amolar*, com Sebastião Salgado [Galeria Roberto Camasmie, São Paulo].

2020

Ensaio sobre a Amazônia em edição exclusiva da revista *DU*, prestigiada publicação alemã sobre arte e cultura.

A Teresa Bracher – pela confiança e empenho na realização desta obra.
Ao Coronel Ângelo Rabelo – pela acolhida e cooperação fundamentais.
A Adriano Kirchner – pelos caminhos abertos, me guiando pelas trilhas, corixos e várzeas da Serra do Amolar.
Além dos barqueiros, cozinheiros e toda a equipe de apoio envolvida nas expedições fotográficas.

Meus sinceros agradecimentos.



© Editora TerraBrasil
Todos os direitos desta edição reservados
à Editora TerraBrasil.

araquem@araquem.com.br
www.araquem.com.br

PANTANAL SERRA DO AMOLAR

EDITOR
Araquém Alcântara

PROJETO EDITORIAL
TerraBrasil Editora

CONCEPÇÃO EDITORIAL E FOTOGRAFIAS
Araquém Alcântara

TEXTOS
Antonio Lino

PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO
Cristina Gu

ASSISTÊNCIA DE FOTOGRAFIA
Pedro Amora
Gabriel Jacques

TRATAMENTO DE IMAGENS
José Fujocka

MAPA
Marcelo Pliger

CONSULTORIA CIENTÍFICA
Dalci Maurício Miranda de Oliveira

REVISÃO DE TEXTO
José Américo Justo

APOIO LOGÍSTICO
Instituto Homem Pantaneiro

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS / MINC
Documenta Pantanal / MoG Mônica Guimarães

SECRETÁRIA
Nilda Gino

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO
Ipsis Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alcântara, Araquém
Pantanal Serra do Amolar / Araquém Alcântara.
São Paulo: TerraBrasil Editora, 2020.

ISBN 978-65-88933-00-8

1. Serra do Amolar (MS) – Descrição
2. Serra do Amolar (MS) – Fotografias I. Título.
20-47113 CDD: 779.998171

Índices para catálogo sistemático:
1. Serra do Amolar : Mato Grosso do Sul :
Fotografias 779.998171

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

FONTE
Utopia
PAPEL
GardaPat Klassica 135 g/m²

A Serra do Amolar destoa completamente da perspectiva plana típica do Pantanal. Quando as águas sobem, cumprindo seu ciclo natural, muitos animais buscam abrigo sobre o maciço rochoso, que ostenta cumes acima dos 900 metros de altura. Diante desse imponente refúgio silvestre, vizinho do Parque Nacional do Pantanal Matogrossense, as lentes de Araquém Alcântara compõem manifestos poéticos em defesa da biodiversidade local. Aliado à Rede de Proteção e Conservação da Serra do Amolar, o precursor da fotografia de natureza no Brasil mobiliza consciências através da arte. Um olhar sensível e necessário focalizando um recanto ímpar no planeta em termos de beleza cênica e importância ecológica: trata-se da maior concentração de áreas protegidas do Pantanal – reconhecido pela Unesco como Reserva da Biosfera Mundial e Patrimônio Natural da Humanidade. Delicado e arrebatador como um passeio de canoa aos pés da Serra do Amolar, este livro é um retrato – em preto, branco e cores vivas – do vigor de éden que a região emana.



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



ISBN 978-65-88933-00-8

